

**DESCARTES**

**MEDITATIONES DE PRIMA  
PHILOSOPHIA**

MEDITATIO QUARTA

**FAUSTO CASTILHO**

Tradutor

Departamento de Filosofia  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Estadual de Campinas

Edição bilíngüe

**textos Didáticos**

nº 14 - SETEMBRO DE 1994

## **TEXTOS DIDÁTICOS**

IFCH/UNICAMP

Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13081-970 - Campinas - SP

Tel. (0192) 39.8342

Fax: (0192) 39.33.27

**SOLICITA-SE PERMUTA  
EXCHANGE DESIRED**

### **Direção:**

**Diretor:** Prof. Dr. João Quartim de Moraes

**Diretor Associado:** Prof. Dr. Armando Boito Junior

### **Comissão de Publicações:**

Profa. Argelina Maria Cheibub Figueiredo - DCP, Profa. Guita Grin Debert - DA,  
Profa Maria Clementina Pereira Cunha - DH, Prof. José Carlos Pinto Oliveira - DF  
e Márcio Bilharinho Naves - DS (Coordenador).

### **Setor de Publicações:**

Mada Penteadó, Marilza A. da Silva, Fátima L. Dias e Magali Mendes

### **Gráfica**

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marinês M. Rodrigues e Cleusa Schetini

**MEDITATIO QUARTA**

*DE VERO & FALSO*

**QUARTA MEDITAÇÃO**

**SOBRE O VERDADEIRO E O FALSO**

*In quartâ, probatur ea omnia quæ clare & distincte percipimus, esse vera, simulque in quo ratio falsitatis consistat explicatur : quæ necessario sciri debent tam ad præcedentia firmanda, quàm ad reliqua intelligenda<sup>a</sup>. (Sed ibi interim est advertendum nullo modo agi de peccato, vel errore qui committitur in persecutione boni & mali, sed de eo tantum qui contingit in dijudicatione veri & falsi. Nec ea spectari quæ ad fidem pertinent, vel ad vitam agendam, sed tantum speculativas & solius luminis naturalis ope cognitæ veritates.)*

95

## SINOPSE DA QUARTA MEDITAÇÃO

Na Quarta Meditação, prova-se que é verdadeiro o que se percebe clara e distintamente e, ao mesmo tempo, explica-se também a razão da falsidade. É necessário saber ambas as coisas, tanto para a confirmação do que se disse quanto para o entendimento do que em seguida se dirá. (Note-se que neste passo não se trata, todavia, de modo algum, do pecado, erro que se comete na busca do bom e do mau. — e sim, tão só, do erro que afeta o juízo para discernir o verdadeiro do falso. Igualmente não se consideram coisas pertinentes à fé ou à vida ativa, mas verdades especulativas apenas, que só se conhecem por obra da luz natural).

MEDITATIO IV.

96

*De vero & falso.*

(11) Ita me his diebus affuefeci in mente a fenfibus abducendâ, tamque accurate animadverti perpauca

4-6 quas... possum *entre parenthèses* (1<sup>re</sup> édit.). — 21 IV] quarta (1<sup>re</sup> édit.).

97

## QUARTA MEDITAÇÃO

### *SOBRE O VERDADEIRO E O FALSO*

/1/ Nestes dias, acostumei-me de tal maneira a afastar a mente dos sentidos, — claramente me dei conta de que é muito pouco

esse quæ de rebus corporeis vere percipiuntur, multoque plura de mente humanâ, multo adhuc plura de Deo cognosci, ut jam absque ullâ difficultate cogitationem a rebus imaginabilibus ad intelligibiles tantum, atque ab omni materiâ secretas, convertam.

5 **/12/** Et sane multo magis distinctam habeo ideam mentis humanæ, quatenus est res cogitans, non extensa in longum, latum, & profundum, nec aliud quid a corpore habens, quàm ideam ullius rei corporeæ. Cùmque  
10 attendo me dubitare, sive esse rem incompletam & dependentem, adeo clara & distincta idea entis independentis & completi, hoc est Dei, mihi occurrit; & ex hoc uno quòd talis idea in me sit, sive quòd ego ideam illam habens existam, adeo manifeste concludo  
15 Deum etiam existere, atque ab illo singulis momentis totam existentiam meam dependere, ut nihil evidentius, nihil certius ab humano ingenio cognosci posse confidam. Jamque videre videor aliquam viam per quam ab istâ contemplatione veri Dei, in quo  
20 nempe sunt omnes thesauri scientiarum & sapientiæ absconditi, ad cæterarum rerum cognitionem deveniatur.

**/13/** In primis enim agnosco fieri non posse ut ille me unquam fallat; in omni enim fallaciâ vel deceptione  
25 aliquid imperfectio[n]is reperitur; & quamvis posse fallere, nonnullum esse videatur acuminis aut potentiæ argumentum, proculdubio velle fallere, vel malitiam vel imbecillitatem testatur, nec proinde in Deum  
61 cadit.

30 **/14/** Deinde experior quandam in me esse judicandi facultatem, quam certe, ut & reliqua omnia quæ in me



99

o que se conhece sobre as coisas corporais, muito mais sobre a mente humana e mais ainda sobre Deus, — que já não encontro dificuldade em apartar meu pensamento das coisas *sensíveis e imagináveis*\* para dirigi-lo às que são exclusivamente inteligíveis e separadas de toda matéria.

\* *sensibles et imaginables*

12/ Certo é que, coisa pensante, — e não extensa em comprimento, largura e profundidade, — e, como tal, desprovido de tudo o que o corpo possui, tenho uma idéia da mente humana muito mais distinta do que a de nenhuma coisa corporal. Ao duvidar, isto é, ao perceber que sou uma coisa incompleta e dependente, apresenta-se-me clara e distinta a idéia de um ente independente e completo, isto é, de Deus. E, ou só porque tal idéia se encontra em mim ou porque eu, que possuo essa idéia, existo, de modo o mais manifesto concluo que Deus também existe e que, um por um, todos os momentos de minha existência dele dependem. Não creio que a mente humana possa conhecer nada mais evidente e mais certo. Parece-me, assim, que já vislumbro um caminho para me conduzir ao conhecimento de todas as coisas, partindo dessa contemplação do verdadeiro Deus, no qual se encerram afinal todos os tesouros das ciências e da sabedoria.

13/ Nesse caminho, reconheço, em primeiro lugar, ser impossível que ele me engane jamais. Em toda falácia ou engano há uma imperfeição. E, sem embargo de que poder enganar parece mostrar agudeza e poderio, é indubitável, porém, que querer enganar atesta fraqueza e malícia, não podendo ocorrer, assim, em Deus.

14/ Experimento, em seguida, que há em mim uma faculdade de julgar que, a exemplo de tudo o mais que em mim

100  
sunt, a Deo accepi; cùmque ille nolit me fallere, talem profecto non dedit, ut, dum eâ recte utor, possim unquam errare.

Nec ullum de hac re dubium superesset, nisi inde fe-  
qui videretur, me igitur errare nunquam posse; nam si 5  
quodcunque in me est, a Deo habeo, nec ullam ille  
mihi dederit errandi facultatem, non videor posse un-  
quam errare. Atque ita prorsus, quamdiu de Deo tan-  
tùm cogito, totusque in eum me converto, nullam  
erroris aut falsitatis causam deprehendo; sed, postmo- 10  
dum ad me reversus, experior me tamen innumeris  
erroribus esse obnoxium, quorum causam inquirens  
animadverto non tantùm Dei, sive entis summè per-  
fecti, realem & positivam, sed etiam, ut ita loquar, ni-  
hili, sive ejus quod ab omni perfectione summè abest, 15  
negativam quandam ideam mihi obversari, & me tan-  
quam medium quid inter Deum & nihil, sive in|ter  
summum ens & non ens ita esse constitutum, ut, qua-  
tenus a summo en|te sum creatus, nihil quidem in me  
sit, per quod fallar aut in errorem inducar, sed qua- 20  
tenus etiam quodammodo de nihilo, sive de non ente,  
participo, hoc est quatenus non sum ipse summum  
ens, defuntque mihi quamplurima, non adeo mirum  
esse quòd fallar. /5/ Atque ita certe intelligo errorem, qua-  
tenus error est, non esse quid reale quod a Deo depen- 25  
deat, sed tantummodo esse defectum; nec proinde ad  
errandum mihi opus esse aliquâ facultate in hunc fi-  
nem a Deo tributâ, sed contingere ut errem, ex eo  
quòd facultas verum judicandi, quam ab illo habeo,  
non sit in me infinita. 30

/6/ Verumtamen hoc nondum omnino satisfacit; non

se encontra, recebi certamente de Deus. E, como ele não quer me enganar, por certo que não me deu essa faculdade para que jamais eu venha a errar, desde que a empregue de modo correto. Não restaria nenhuma dúvida a tal respeito, não fosse a aparência de que isto importa no fato de que eu nunca poderia errar. Ora, tudo o que há em mim o tenho de Deus; como não me deu uma faculdade de errar, parece que nunca poderei errar. É o que parece, pois, enquanto penso exclusivamente em Deus e estou por inteiro voltado para ele, não percebo nenhuma causa de erro ou falsidade. Em seguida, no entanto, ao voltar-me para mim mesmo, experimento que estou sujeito a inúmeros erros. Ao investigar-lhes a causa, percebo que em mim não há apenas a idéia real e positiva de Deus, isto é, de um ente sumamente perfeito, mas também a idéia, por assim dizer, negativa do nada, isto é, daquilo do qual está ausente, em sumo grau, toda perfeição. Eu, por minha vez, meão entre Deus e o nada, isto é, entre o ente supremo e o não ente, enquanto criatura do ente supremo nada há em mim que me faça errar ou me induza a erro; mas, na medida em que sou também, de algum modo, participante do nada e do não ente, isto é, na medida em que não sou eu mesmo o ente supremo, faltam-me muitas coisas e, por isso, não é de admirar que eu erre.

/5/ Entendo, assim, com inteira certeza, que o erro, como erro, não é algo real, dependente de Deus, mas tão somente um defeito. Para que eu erre, não é preciso que Deus me haja dotado de uma faculdade para esse fim: o erro ocorre porque a faculdade de julgar que recebi de Deus para discernir o verdadeiro *do falso*\* não é em mim infinita.

*\* d'avec le faux*

/6/ Mas essa explicação ainda não me satisfaz de todo, pois o erro não é

102  
 enim error est pura negatio, sed privatio, sive carentia  
 cujusdam cognitionis, quæ in me quodammodo esse  
 deberet; atque attendenti ad Dei naturam non videtur  
 fieri posse, ut ille aliquam in me posuerit facultatem,  
 5 quæ non sit in suo genere perfecta, sive quæ aliquâ  
 sibi debitâ perfectione sit privata. Nam si, quo | peritior est artifex, eo perfectiora opera ab illo profici- 63  
 cantur, quid potest a summo illo rerum omnium con-  
 ditore factum esse, quod non sit omnibus numeris  
 10 absolutum? Nec dubium est quin potuerit Deus me  
 talem creare, ut nunquam fallerer; nec etiam du-  
 bium est quin velit semper id quod est optimum :  
 anne | ergo melius est me falli quàm non falli?

171  
 15 Dum hæc perpendo attentius, occurrit primò non  
 mihi esse mirandum, si quædam a Deo fiant quorum ra-  
 tiones non intelligam; nec de ejus existentia ideo esse  
 dubitandum, quòd forte quædam alia esse experiar,  
 quæ quare vel quomodo ab illo facta sint non compre-  
 hendo. Cùm enim jam sciam naturam meam esse valde  
 20 infirmam & limitatam, Dei autem naturam esse im-  
 mensam, incomprehensibilem, infinitam, ex hoc satis  
 etiam scio innumerabilia illum posse quorum causas  
 ignorem; atque ob hanc unicam rationem<sup>a</sup> totum illud  
 causarum genus, quod a fine peti solet, in rebus Phy-  
 25 siccis nullum usum habere existimo; non enim absque  
 temeritate | me puto posse investigare fines Dei.

181  
 30 Occurrit etiam non unam aliquam creaturam sepa-  
 ratim, sed omnem rerum universitatem esse specta-  
 dam, quoties an opera Dei perfecta sint inquirimus;  
 quod enim forte non immeritò, si solum esset, valde

a. Voir t. V, p. 158.

103

pura negação, isto é, não é um simples defeito ou falta de alguma perfeição que não me é devida\*, mas é a privação ou a carência de um conhecimento que de algum modo eu deveria possuir. Quando considerado em sua natureza, não parece que Deus tenha posto em mim uma faculdade que não seja perfeita em seu gênero, isto é, desprovida de uma perfeição que lhe é devida. Se a perfeição das obras do artífice é tanto maior quanto maior sua pericia, que faria o autor de todas as coisas que não fosse absoluto em todas as suas partes? Sem dúvida, Deus poderia me criar de modo que eu nunca errasse e é indubitável também que ele quer sempre o ótimo: é melhor, então, que eu erre ou que não erre?

*\*c'est-à-dire, n'est pas le simple défaut ou manquement de quelque perfection qui ne m'est point due*

171 Prossequindo em meu exame, e dando-lhe mais atenção ainda, percebo que não é de admirar que Deus faça coisas cujas razões não entendo; e também não é razão para que duvide de sua existência o fato de eu vir a experimentar outras coisas, feitas talvez por ele, sem que possa, contudo, compreender nem por que as fez, nem como as fez. Sei que minha natureza é muito débil e limitada e a de Deus, ao contrário, imensa, incompreensível, infinita e, só por isso, sei suficientemente que pode inúmeras coisas cujas causas ignoro. É a única razão por que julgo não deva de modo nenhum utilizar na Física aquele gênero de causas que apelam usualmente para a finalidade, visto que não é sem temeridade que me julgaria capaz de investigar os fins *impenetráveis*\* de Deus.

*\* impénétrables*

18/ Além de que, para estimar o quanto de perfeição se encontra nas obras de Deus, não se há de considerar, em separado, uma dada criatura, e sim as coisas em todo o seu conjunto. O que, isolado, pode parecer, talvez merecidamente, muito imperfeito,

104

imperfectum videretur, ut habens in mundo rationem partis est perfectissimum; & quamvis, ex quo de omnibus volui dubitare, nihil adhuc præter me & Deum existere certò cognovi, non possum tamen, ex quo immensam Dei potentiam animadverti, negare quin multa alia ab illo facta sint, vel saltem fieri possint, adeo ut ego rationem partis in rerum universitate obtineam.

19/ Deinde, ad me propius accedens, & qualesnam sint errores mei (qui soli imperfectionem aliquam in me arguunt) investigans, adverto illos a duabus causis simul concurrentibus dependere, nempe a facultate cognoscendi quæ in me est, & a facultate eligendi, sive ab arbitrii libertate, hoc est ab intellectu & simul a voluntate. Nam per solum intellectum percipio tantum ideas de quibus | judicium ferre possum, nec ullus error proprie dictus in eo præcise sic spectato reperitur; quamvis enim innumeræ fortasse res existant, quarum ideæ nullæ in me sunt, non tamen proprie illis privatus, sed negative tantum destitutus, sum dicendus, quia nempe rationem nullam possum afferre, quâ probem Deum mihi majorem quàm dederit cognoscendi facultatem dare debuisse; atque quantumvis peritum artificem esse intelligam, non tamen ideo puto illum in singulis ex suis operibus omnes perfectiones ponere debuisse, quas in aliquibus ponere potest. Nec verò etiam queri possum, quòd non satis amplam & perfectam voluntatem, sive arbitrii libertatem, a Deo acceperim; nam fane nullis illam limitibus circumscribi experior. Et quod valde notandum mihi videtur, nulla

13 eligendi] intelligendi (1<sup>re</sup> edit.).

05

poderá ser, no entanto, muito perfeito, quando considerado na sua razão de parte do mundo. E, embora até agora, desde quando resolvi duvidar de todas as coisas, nada de certo cheguei a conhecer, exceto minha existência e a existência de Deus, fiquei conhecendo também sua imensa potência e, assim, não posso negar que tenha feito muitas outras coisas ou ao menos poderia fazê-las, de sorte que eu mesmo entrasse nesse conjunto, segundo uma proporção particular.

19/ Por fim, aproximando-me ainda mais de mim mesmo e investigando quais são os meus erros, (somente eles denunciam uma imperfeição em mim), percebo que dependem do concurso simultâneo de duas causas, a saber, da faculdade de conhecer que está em mim, de um lado, e da faculdade de escolher ou liberdade de arbítrio, de outro lado. Do intelecto e da vontade, ao mesmo tempo. Ora, pelo intelecto sozinho *não afirmo, nem nego coisa alguma, mas\** apenas percebo as idéias sobre as quais posso fazer um juízo. Tomado assim, precisamente, não ocorre, a bem dizer, no intelecto erro nenhum. E apesar de que muitas coisas podem existir talvez de que não tenho idéias em mim, nem por isso devo dizer que estou propriamente privado delas e sim, apenas negativamente, que não as tenho. De fato, não é possível apresentar nenhum argumento que prove que Deus deveria ter me dado uma faculdade de conhecer maior do que me deu. E mesmo que eu o entenda como um artifice de muita perícia, isso não me autoriza a supor que ele devesse pôr em cada obra sua todas as perfeições que pôde pôr em algumas delas. E não posso me queixar por não ter recebido de Deus uma vontade ou liberdade de arbítrio insuficientemente ampla e perfeita, pois, na verdade, a experimento *tão indeterminada e tão extensa\*\** que não vejo os limites de sua circunscrição. E, o que me parece muito notável

\* *je n'assure ni ne nie aucune chose, mais*

\*\* *si vague et si étendue*

106 alia in me sunt | tam perfecta aut tanta, quin intelligam perfectiora sive majora adhuc esse posse. Nam si, exempli causâ, facultatem intelligendi considero, statim agnosco perexiguam illam & valde finitam in me  
 5 esse, simulque alterius cujusdam multo majoris, imò maximæ atque infinitæ, ideam formo, illamque ex hoc ipso quòd ejus ideam formare possim<sup>a</sup>, ad Dei naturam pertinere percipio. Eâdem ratione, si facultatem recordandi vel imaginandi, vel quasilibet alias examinem,  
 10 nullam plane invenio, quam non in me tenuem & circumscriptam, in Deo immensam, esse intelligam. Sola est voluntas, sive arbitrii libertas, quam tantam in me experior, ut nullius majoris ideam apprehendam; adeo ut illa præcipue sit, ratione cujus imaginem quandam  
 15 & similitudinem Dei me referre intelligo. Nam quamvis major absque comparatione in Deo quàm in me sit, tum ratione cognitionis & potentiæ quæ illi adjunctæ sunt, redduntque ipsam magis firmam & efficacem, tum ratione objecti, quoniam ad plura se extendit, non tamen, in se formaliter<sup>b</sup> & præcise spectata, major videtur; quia tantum in eo consistit, quòd idem vel facere vel non facere (hoc est affirmare vel negare, prosequi vel fugere) possimus, vel potius in eo tantum, quòd ad id quod || nobis ab intellectu proponitur affir-  
 20 mandum vel negandum, sive prosequendum vel fugiendum, ita feramur, ut a nullâ vi externâ nos ad id determinari sentiamus. Neque enim opus est me in utramque partem ferri posse, ut sim liber, sed contrâ, quo magis in unam propendo, sive quia rationem

a. Voir t. V, p. 158.

b. *Ib.*, p. 158.



é que, de todas as outras coisas que estão em mim, nenhuma é tão perfeita e tão ampla que eu não entenda possa ela ser ainda mais perfeita ou maior do que é. Por exemplo, se considero a faculdade de entender, logo reconheço que é em mim muito pequena e muito finita, ao mesmo tempo em que formo a idéia de outra muito maior e até máxima e infinita; e só porque posso formar sua idéia, percebo que ela pertence à natureza de Deus. Pela mesma razão, se examino a faculdade de recordar ou de imaginar ou quaisquer outras, não encontro nenhuma que não entenda modesta e restrita em mim, e imensa em Deus. Só da vontade ou liberdade de arbítrio, — que experimento ser muito ampla em mim, — não concebo a idéia de outra maior; é, principalmente ela, a razão para que entenda haver em mim uma imagem ou semelhança de Deus. Pois, embora seja incomparavelmente maior em Deus do que em mim, — ou por causa do conhecimento e da potência que, ao se juntarem a ela, tornam-na mais firme e eficaz; ou em razão de seu objeto, porque se estende a muito mais coisas do que a minha, — todavia, considerada em si mesma, formal e precisamente, ela não parece ser maior, já que consiste apenas em podermos fazer ou não fazer alguma coisa (isto é, afirmar ou negar, buscar ou fugir) ou antes, consiste em agir de maneira que, para afirmar ou negar, buscar ou evitar as coisas que o intelecto propõe, não sintamos que a isso somos determinados por uma força externa. Para ser livre, não é preciso que eu seja indiferente a escolher uma ou outra das partes mas, ao contrário, quanto maior minha propensão para uma delas, — ou por nela

108

veri & boni in eâ evidenter intelligo, sive quia Deus  
 intima cogitationis meæ ita disponit, tanto liberius  
 illam eligo; nec sane divina gratia, nec naturalis co-  
 gnitio unquam imminuunt libertatem, sed potius au-  
 gent & corroborant. Indifferentia autem illa, quam  
 experior, cum nulla me ratio in unam partem magis  
 quàm in alteram impellit, est infimus gradus liber-  
 tatis, & nullam in eâ perfectionem, sed tantummodo  
 in cognitione defectum, sive negationem quandam,  
 testatur; nam si semper quid verum & bonum sit clare  
 viderem, nunquam de eo quod esset judicandum vel  
 eligendum deliberarem; atque ita, quamvis plane li-  
 ber, nunquam tamen indifferens esse possem.

68 /10/ Ex his autem percipio nec vim volendi, quam a Deo  
 habeo, per se spectatam, causam esse errorum meo-  
 rum, est enim amplissima, atque in suo genere per-  
 fecta; neque etiam vim intelligendi, nam quidquid  
 intelligo, cum a Deo habeam ut intelligam, procul  
 dubio recte intelligo, | nec in eo fieri potest ut fallar.  
 Unde ergo nascuntur mei errores? Nempe ex hoc uno  
 quòd, cum latius pateat voluntas quàm intellectus,  
 illam non intra eosdem limites contineo, sed etiam ad  
 illa quæ non intelligo extendo; ad quæ cum sit indiffe-  
 rens, facile a vero & bono deflectit, atque ita & fallor  
 & pecco.

/11/ Exempli causâ, cum examinarem hisce diebus an  
 aliquid in mundo existeret, atque adverterem, ex hoc  
 ipso quòd illud examinarem, evidenter sequi me  
 existere, non potui quidem non judicare illud quod  
 tam clare intelligebam verum esse; non quòd ab ali-

9 in cognitione *transposé après* quandam (1<sup>re</sup> édit.).

perceber evidentemente o verdadeiro e o bom, ou porque Deus assim dispôs o íntimo de meu pensamento, — tanto mais livremente a escolho. Na verdade, a graça divina e o conhecimento natural nunca diminuem a liberdade, antes a aumentam e corroboram. A indiferença que experimento, quando nenhuma razão me empurra mais para um lado do que para o outro, é o grau ínfimo da liberdade e não indica a presença nela de alguma perfeição, mas somente uma carência no conhecimento, ou a presença de alguma negação. Pois, se eu visse sempre de modo claro o que é verdadeiro e o que é bom, jamais teria de deliberar sobre o que se deve julgar ou escolher e, assim, embora totalmente livre, jamais poderia ser, contudo, indiferente.

*/10/* Pelo exposto, percebo que considerada em si, a força de querer que recebi de Deus não é a causa de meus erros, pois é amplíssima e perfeita em seu gênero. E a força de entender também não o é: eu a tenho de Deus para entender e é indubitável que tudo o que entendo, entendo corretamente, e não é possível que nisto eu erre. De onde nascem, então, meus erros? Tão somente de que, sendo a vontade mais ampla que o intelecto, não a contendo dentro dos mesmos limites e a estendo, por igual, a coisas que não entendo. Como a vontade é indiferente a essas coisas, desvia-se facilmente do verdadeiro e é, assim, que erro e peço.

*/11/* Por exemplo, ao examinar nestes dias se havia algo no mundo, percebi que, só porque o examinasse, seguia-se evidentemente que eu existia, não podendo, então, deixar de julgar que o que assim entendia tão claramente era verdadeiro. Não que a isso

110 quâ vi externâ fuerim ad id coactus, sed quia ex magnâ luce in intellectu magna consequuta est propensio in voluntate, atque ita tanto magis sponte & libere illud credidi, quanto minus fui ad istud ipsum | indifferens. 69

5 Nunc autem, non tantum scio me, quatenus sum res quâdam cogitans, existere, sed præterea etiam idea quâdam naturæ corporeæ mihi obversatur, contingitque ut dubitem an natura cogitans quæ in me est, vel potius quæ ego ipse sum, alia sit ab istâ naturâ corporeâ, vel an ambæ idem sint; & suppono nullam adhuc intellectui meo rationem occurrere, quæ mihi unum magis quàm aliud persuadeat. Certe ex hoc ipso sum indifferens ad utrumlibet affirmandum | vel negandum, vel etiam ad nihil de eâ re judicandum.

15 112/ Quinimo etiam hæc indifferentia non ad ea tantum se extendit de quibus intellectus nihil plane cognoscit, sed generaliter ad omnia quæ ab illo non satis perspicue cognoscuntur eo ipso tempore, quo de iis a voluntate deliberatur: quantumvis enim probabiles conjecturæ me trahant in unam partem, sola cognitio quòd sint tantum conjecturæ, non autem certæ atque indubitabiles rationes, sufficit ad assensionem meam in contrarium impellendam. Quod satis | his diebus sum expertus, cum illa omnia quæ prius ut vera 70  
25 quammaxime credideram, propter hoc unum quòd de iis aliquo modo posse dubitari deprehendissem, plane falsa esse supposui.

30 113/ Cùm autem quid verum sit non satis clare & distincte percipio, si quidem a iudicio ferendo abstineam, clarum est me recte agere, & non falli. Sed si vel affirmem vel negem, tunc libertate arbitrii non recte utor; atque

fosse coagido por alguma força externa, mas porque uma grande luz no intelecto tem por conseqüente uma grande propensão na vontade. E nisso acreditei tanto mais espontânea e livremente quanto menos lhe fui indiferente. Agora, contudo, não sei apenas que existo como coisa pensante mas, além disso, apresenta-se-me a idéia de uma certa natureza corporal, o que me leva a duvidar de se aquela natureza pensante, que está em mim ou, antes, que eu mesmo sou, não é diferente dessa natureza corporal ou se ambas, acaso, não constituem uma mesma coisa. Penso que nenhuma razão ofereceu-se até agora a meu intelecto que me persuadissem mais de uma coisa do que de outra. Por isso, decerto, sou indiferente a afirmar ou a negar ou mesmo a me abster de julgar a respeito de uma coisa ou de outra.

**/12/** Indiferença que não se estende apenas a coisas de que o intelecto nada sabe de todo, mas genericamente a todas as coisas que ele não conhece de modo suficientemente claro, no momento em que a vontade sobre elas delibera. Embora conjecturas prováveis possam levar-me para uma das partes, basta o conhecimento de que se trata de conjectura e não já de razões certas e indubitáveis, para que meu assentimento seja levado para o lado oposto. Foi o que experimentei suficientemente nestes dias, ao supor de todo falsas coisas que, antes, tinha por verdadeiras ao máximo, em razão de eu ter me apercebido de que, de algum modo, eu podia pô-las em dúvida.

**/13/** Ora, se me abster de julgar o que não percebo clara e distintamente verdadeiro, claro está que agirei de modo correto e não errarei. Ao passo que, se afirmar ou negar, não estarei usando corretamente da liberdade de arbítrio.

112 si in eam partem quæ falsa est me convertam, plane fallar; si verò alteram amplectar, casu quidem incidam in veritatem, sed non ideo culpâ carebo, quia lumine naturali manifestum est perceptionem intellectûs præcedere semper debere voluntatis determinationem. 5  
Atque in hoc liberi arbitrii non recto | usu privatio illa inest quæ formam erroris constituit : privatio, inquam, inest in ipsâ operatione, quatenus a me procedit, sed non in facultate quam a Deo accepi, nec etiam in operatione quatenus ab illo dependet. 10

71 Neque enim habeo causam ullam conquerendi, quòd Deus mihi non majorem vim intelligendi, sive non majus lumen naturale dederit quàm dedit, quia est de ratione intellectûs finiti ut multa non intelligat, & de ratione intellectûs creati ut sit finitus; estque quòd 15  
agam gratias illi, qui mihi nunquam quicquam debuit, pro eo quod largitus est, non autem quòd putem me ab illo iis esse privatum, sive illum mihi ea abstulisse, quæ non dedit.

Non habeo etiam causam conquerendi, quòd voluntatem dederit latius patentem quàm intellectum; cùm enim voluntas in unâ tantùm re, & tanquam in indivisibili consistat, non videtur ferre ejus natura ut quicquam ab illâ demi possit; & sane quo amplior est, tanto majores debeo gratias ejus datori. 20 25

Nec denique etiam queri debeo, quòd Deus mecum concurrat ad eliciendos illos actus voluntatis, sive illa judicia, in quibus fallor : illi enim actus sunt omnino veri & boni, quatenus a Deo dependent, & major in me quodammodo perfectio est, quòd illos possim elicere, 30  
quàm | si non possem. Privatio autem, in quâ solâ ratio

113

Pois, supondo que me volte para a parte falsa, erro totalmente; se abraço, ao contrário, a outra parte, caio decerto por acaso sobre a verdade, mas nem por isso fico isento de culpa, sendo manifesto à luz natural que a percepção do intelecto deve preceder sempre a determinação da vontade. É nesse uso incorreto do livre arbítrio onde reside aquela privação que constitui a forma do erro. Privação, digo, que se encontra na própria operação, — na medida em que esta provém de mim, — e não na faculdade que recebi de Deus, nem da operação na medida em que esta depende dele. Não tenho, pois, nenhuma razão de me queixar por Deus não me haver dado uma força de entender ou luz natural maior do que deu; é do princípio do intelecto finito, que não entenda muitas coisas, e do princípio do intelecto criado, que seja finito. Devo, ao contrário, agradecer-lhe, a ele que nunca me deveu nada, pelo que me deu com largueza, *bem longe de conceber sentimentos tão injustos como imaginar\** que ele me tenha privado *injustamente\*\** das coisas que não me deu ou que teria retirado de mim. E também não tenho razão de me queixar por ele me haver dado uma vontade que é manifestamente mais ampla do que o intelecto, pois como a vontade consiste numa só coisa, como que indivisível, não parece que se lhe possa retirar algo *sem que seja destruída\*\*\**. E é certo que quanto mais ampla ela for, tanto maior há de ser minha gratidão a meu doador. Enfim, não devo me queixar também pelo fato de Deus cooperar comigo na consecução dos atos de vontade ou dos juízos em que erro, pois tais atos são verdadeiros e bons, na medida em que dependem de Deus. Há, de certo modo, maior perfeição em mim por eu poder produzir esses atos do que em não poder. Quanto à privação, na qual consiste exclusivamente a razão

*\*bien loin de concevoir des sentiments si injustes, que de m'imaginer*

*\*\* injustement*

*\*\*\* sans la détruire*

114  
 5 formalis falsitatis & culpæ consistit, nullo Dei con- 72  
 cursu indiget, quia non est res, neque ad illum relata  
 ut causam privatio, sed tantummodo negatio dici de-  
 bet. /14/ Nam sanè nulla imperfectio in Deo est, quòd mihi  
 10 libertatem dederit assentiendi vel non assentiendi qui-  
 busdam, quorum claram & distinctam perceptionem in  
 intellectu meo non posuit; sed proculdubio in me im-  
 perfectio est, quòd istâ libertate non bene utar, & de  
 iis, quæ non rectè intelligo, judicium feram. /15/ Videota-  
 15 men fieri a Deo facile potuisse, ut, etiamsi manerem li-  
 ber, & cognitionis finitæ, nunquam tamen errarem :  
 nempe si vel intellectui meo claram & distinctam per-  
 ceptionem omnium de quibus unquam essem delibera-  
 turus indidisset; vel tantùm si adeo firmiter memoriæ  
 20 impressisset, de nullâ unquam re esse judicandum quam  
 clare & distincte non intelligerem, ut nunquam ejus  
 possem oblivisci. Et facile intelligo me, quatenus ra-  
 tionem habeo totius cujusdam, perfectiorem futurum  
 fuisse quàm nunc sum, si talis a Deo factus essem. Sed  
 25 non ideo | possum negare quin major quodammodo 73  
 perfectio sit in totâ rerum universitate, quòd quædam  
 ejus partes ab erroribus immunes non sint, aliæ verò  
 sint, quàm si omnes | plane similes essent. Et nullum  
 habeo jus conquerendi quòd eam me Deus in mundo  
 30 personam sustinere voluerit, quæ non est omnium præ-  
 cipua & maxime perfecta.

Ac præterea, etiam ut non possim ab erroribus  
 abstinere priori illo modo qui pendet ab evidenti eo-  
 rum omnium perceptione de quibus est deliberandum,  
 30 possum tamen illo altero<sup>a</sup> qui pendet ab eo tantùm,

a. Voir t. V, p. 159.



formal da falsidade e da culpa, ela não necessita de nenhum concurso de Deus, porque não é uma coisa; e, se for referida a Deus como a sua causa, não deve ser chamada de privação, mas apenas de negação, *segundo a aceção em que se tomam essas palavras na Escolástica.* \*\*\*\*

\*\*\*\* *selon la signification qu'on donne à ces mots dans l'École.*

114/ Se, por um lado, não há em Deus nenhuma imperfeição por ele me haver dado a liberdade de assentir ou não assentir a coisas de cujas percepções claras e distintas meu intelecto não foi dotado, é indubitável, por outro lado, que há uma imperfeição em mim, no mau uso que faço dessa faculdade, julgando *de modo temerário\** sobre coisas que não percebo corretamente.

\* *témérement*

115/ Entretanto, vejo que a Deus teria sido fácil fazer que eu nunca errasse, embora permanecendo livre e dispondo de um conhecimento apenas finito. Para tanto, seria suficiente ou que meu intelecto fosse dotado de uma percepção clara e distinta de todas as coisas sobre as quais eu tivesse de deliberar; ou que imprimisse firmemente em minha memória, a fim de que eu nunca o esquecesse, que não posso julgar nada que não perceba clara e distintamente. Facilmente se entende que, se sou considerado como um todo, poderia ter sido feito por Deus mais perfeito do que sou, para que nunca errasse. O que não me faz, contudo, negar que, de certo modo, há maior perfeição no conjunto de todas as coisas, quando algumas estão imunes ao erro e outras não, do que se todas fossem inteiramente semelhantes. E não tenho nenhum direito de me queixar porque Deus, ao me pôr no mundo, não tenha querido que eu fosse a principal ou a mais perfeita de suas partes. Mais ainda, se não posso me abster de erro pelo primeiro modo indicado, — o qual depende da percepção evidente de todas as coisas sobre as quais me cabe deliberar, — ainda posso valer-me do segundo modo, dependendo apenas

116 quòd recorder, quoties de rei veritate non liquet, a  
 iudicio ferendo esse abstinendum; nam, quamvis eam  
 in me infirmitatem esse experiar, ut non possim semper  
 uni & eidem cognitioni defixus inhærere, possum ta-  
 men attentâ & sæpius iteratâ meditatione efficere, ut 5  
 ejusdem, quoties usus exiget, recorder, atque ita ha-  
 bitum quemdam non errandi acquiram.

Quâ in re cùm maxima & præcipua hominis per-  
 fectio consistat, non parum me hodiernâ meditatione  
 74 lucratum esse | existimo, quòd erroris & falsitatis cau- 10  
 sam investigarim. /16/ Et sane nulla alia esse potest ab eâ  
 quam explicui; nam quoties voluntatem in iudiciis  
 ferendis ita contineo, ut ad ea tantùm se extendat quæ  
 illi clare & distincte ab intellectu exhibentur, fieri  
 plane non potest ut errem, quia omnis clara & dis- 15  
 tincta perceptio proculdubio est aliquid, ac proinde  
 a nihilo esse non potest, sed necessariò Deum autho-  
 rem habet, Deum, | inquam, illum summe perfectum,  
 quem fallacem esse repugnat; ideoque proculdubio est  
 vera. /17/ Ne hodie tantùm didici quid mihi sit cavendum 20  
 ut nunquam fallar, sed simul etiam quid agendum ut  
 assequar veritatem; assequar enim illam profecto, si  
 tantùm ad omnia quæ perfecte intelligo satis atten-  
 dam, atque illa a reliquis, quæ confusius & obscurius  
 apprehendo, tecernam. Cui rei diligenter impostero 25  
 operam dabo.

17 de que me lembre de que devo abster-me de julgar, toda vez em que a verdade da coisa não esteja clara. Pois, embora experimente em mim uma incapacidade de me fixar sempre em um único e mesmo conhecimento, percebo, no entanto, que posso *imprimi-lo fortemente em minha memória\** através de uma meditação atenta e freqüente, para que dele me lembre sempre que o uso o exigir, chegando dessa forma a adquirir um certo hábito de não errar. E como nisto consiste a maior e principal perfeição do homem, não estimo de pouca importância o lucro que na meditação de hoje obtive, ao investigar a causa do erro e da falsidade.

*\* me l'imprimer si fortement en la mémoire*

116/ E não pode haver, na verdade, outra causa de erro senão a que apresentei. Se toda vez em que julgar, eu contiver minha vontade *dentro dos limites de meu conhecimento\**, de modo que ela só se estenda às coisas que o intelecto me exhibir clara e distintamente, é de todo impossível que eu venha a errar, visto que toda percepção clara e distinta é algo *real e positivo\*\**, não podendo, assim, provir do nada. Deve, ao contrário, ter Deus como seu autor, Deus, digo, aquele que é sumamente perfeito e ao qual repugna enganar. Essa percepção é, assim, indubitavelmente verdadeira.

*\* dans les bornes de ma connaissance*

*\*\* de réel et de positif*

117/ Eu, hoje, não somente aprendi aquilo contra o que devo me acautelar para que não erre nunca, mas também, ao mesmo tempo, aprendi o que devo fazer para alcançar a verdade, pois, a ela sem dúvida cheguei, sempre que preste suficiente atenção a todas as coisas que só percebo de modo perfeito, separando-as das outras que apreendo de modo confuso e mais obscuro. É o que tratarei de fazer de ora em diante, diligentemente.

